



Dispositivos contra hegemônicos em vozes insubmissas no Sul da Bahia

Contrahegemonic devices at unsubmissive voices in Southern Bahia

Dispositivos contrahegemônicos em vozes insubmissivas en el Sur de Bahia

Tereza Cristina Soares de Sá¹

Rede Municipal de Ensino do Município de Ilhéus (SEDUC-IO/BA)

Cynthia de Cassia Santos Barra

Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)²

RESUMO

Nesse artigo sobre a escrita de mulheres negras da microrregião Ilhéus-Itabuna, apresentamos a literatura como lugar de insurgência e de emergência das ancestralidades afrodiáspóricas. Por tais vias, escritoras negras ressignificam o conceito de literatura na contemporaneidade, mas ainda sofrem os impactos do racismo estrutural constituinte do Cânone Literário. Diante de protocolos perenes do patriarcado branco, Karen Oliveira, Eloah Monteiro, Kali Oliveira e Tereza Sá apresentam seus versos e suas narrativas, entram na cena da disputa pela criação de processos estéticos e propõem formas inventivas de construção de conhecimento e validação epistemológica de suas obras.

Palavras-chave: Cânone Literário; Literatura Afro-feminina; Epistemologia

RESUMEN

En este artículo sobre la escritura de mujeres negras en la microrregión Ilhéus-Itabuna, presentamos la literatura como un lugar de insurgencia y emergencia de abolengo afrodiáspórica. De esta manera, las escritoras negras han dado un nuevo significado al concepto de literatura en la contemporaneidad, pero aún sufren los impactos del racismo estructural que constituye el Canon Literario. Ante los perennes protocolos del patriarcado blanco, Karen Oliveira, Eloah Monteiro, Kali Oliveira y Tereza Sá presentan sus versos y narrativas, entran en el escenario de la disputa por la creación de procesos estéticos y proponen formas inventivas de construcción del conocimiento y validación epistemológica de sus obras.

Palabras clave: Canon literario; Literatura afro-feminina; Epistemología

ABSTRACT

In this article about the writing of black women from the Ilhéus-Itabuna micro-region, we present literature as a place of insurgency and the emergence of Afrodiasporic ancestry. Through these ways, black women writers resignify the concept of literature in contemporary times, but still suffer the impacts of the structural racism that

¹Professora da Rede Municipal de Ensino do Município de Ilhéus. Licenciada em Letras e Pedagogia (UESC), Mestra em Ensino e Relações Étnico-Raciais, Universidade Federal do Sul da Bahia (PPGER-UFSB).

<https://orcid.org/0000-0002-2206-9469> E-mail: terezatriz@msn.com.

² Professora do Curso de Bacharelado em Mídias e Tecnologias Digitais, do Centro de Formação em Políticas Públicas e Tecnologias Sociais, e do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais, da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). Pós-doutoranda no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas (PPG-CEN/UnB). <https://orcid.org/0000-0002-4308-0421> E-mail: cynthiacsbarra@gmail.com.



constitutes the Literary Canon. Facing perennial protocols of white patriarchy, Karen Oliveira, Eloah Monteiro, Kali Oliveira, and Tereza Sá present their verses and their narratives, enter in the scene of the dispute for the creation of aesthetic processes and propose inventive forms of knowledge construction and epistemological validation of their works.

Keywords: Literary Canon; Afro-feminine Literature; Epistemology

Introdução

A literatura, como manifestação artística, representa um patrimônio da cultura nacional. O seu acesso deve ser um direito partilhado com todas, todos e todes. A presença da autoria negra na literatura brasileira é um acontecimento que se amplia pouco a pouco e vem se afirmando na contemporaneidade. Ainda assim, a validação da estética e discursividade preta no cerne da vida acadêmica requer merecida atenção no que diz respeito ao Cânone Literário. Como é sabido, o Cânone representa a conjuntura oficial e segue padrões para validar determinadas obras e negar outras. Um dos dispositivos oficiais de segregação de sujeitos e categorias sociais é justamente o Cânone. O Cânone Literário via de regra sempre funcionou a serviço dos interesses da classe branca dominante, reforçando privilégios e estabelecendo relações de poder, de modo a impor padronizações que geram impedimentos aos grupos minoritários que tendem a ficar de fora dos processos de validação estético e epistemológico.

Mulheres, sujeitos “não-brancos”, pessoas LGBTQIA+, distanciam-se dos ideais postos. O fazer literário para esses grupos sempre foi marcado por um não-lugar, como nos alerta Duarte (2010, p.73): “ao percorrer os caminhos de nossa historiografia literária, a existência de vazios e omissões que apontam para a recusa de muitas vozes, hoje esquecidas ou desqualificadas, quase todas são oriundas das margens do tecido social”. Nesse processo estigmatizante, a literatura “tem sido usada para recalcar os escritos (ou as manifestações culturais não escritas) dos segmentos culturalmente marginalizados e politicamente reprimidos [...]” (REIS,1992, p.73).

De acordo com Ramón Grosfoguel (2018), em “Decolonidade e Pensamento Afrodiaspórico”, os paradigmas eurocêntricos hegemônicos, que influenciaram a filosofia e as ciências ocidentais, contribuíram historicamente para a colonização do poder, do ser e do



saber, apontando o racismo como base norteadora e divisora dos que podem ou não podem produzir conhecimento científico. Essa constatação diz muito de nossa história e da condição epistemológica de povos e de grupos subalternizados, pois nos coloca diante de uma literatura promovida por e para uma elite intelectual e artística.

1. A literatura como lugar de insurgências

Sobre a história da literatura, Edmilson de Almeida Pereira (2007) alerta-nos que a identidade da Literatura Brasileira está ligada a uma tradição fraturada, sendo essa uma característica de todas as áreas que passaram pelo processo de colonização. Foi assim, nas artes, na cultura e na política brasileiras. Desta forma, legitimar uma literatura que pretende referenciar-se em trajetórias específicas, não hegemônicas, trazendo à tona uma versão de produção literária dissidente ao que vem sendo designado como oficial, contextualizada com aspectos histórico-sociais de afrodescendentes, significa estarmos dispostas a estabelecer o que chamamos de zona de fronteira entre o que já está oficializado e o que se impõe também um direito a ser reconhecido.

Conceição Evaristo (2009 p. 27) diz-nos que “muitos pesquisadores e críticos literários negam ou ignoram a existência de uma literatura afro-brasileira”. Isso aconteceu também com o teatro negro e a arte negra, que sempre foram alvo de controvérsias a respeito de sua real necessidade de conceituação e existência. Florentina Sousa (2010, p.224) afirma que “recusam explicitamente qualquer qualificativo que enfatize o lugar étnico-racial, de onde falam os escritores, advogam o caráter ‘incolor’ da literatura e da arte”. Verdadeiramente, são muitas as críticas e, no campo literário, nós desejamos enfrentá-las como ato político e estético, munidas de referenciais teóricos que argumentem e consolidem a Literatura de autoria Negra no cerne da Literatura Brasileira.

Reconhecemos que a Afro-Literatura margeia o cânone literário, pois é afetada por todas as marginalizações que atingem (e sempre atingiram) os povos afrodescendentes. Porém, estigmas das colonialidades perenes não lhe tiram a condição de produção literária, com suas subjetividades expressivas, seus pensamentos e proposições estéticas insurgentes. Toda produtividade negra traz consigo circunstâncias de luta e de resistência, no sentido para



da desconstrução de estereótipos, da desumanização. São, portanto, dispositivos contra hegemônicos, havendo uma busca constante por emancipação coletiva. Não podemos esquecer que a Afro-literatura está imbricada no Movimento Negro, como nos lembra Conceição Evaristo (2010, p. 139):

A Literatura Negra não está desvincilhada do Movimento Negro. E embora durante quase todo processo de formação da Literatura Brasileira existissem vozes negras desejosas em falar por si e de si, a expressividade negra vai ganhar uma nova consciência política sob inspiração do Movimento Negro, que volta para a reafirmação, na década de 70.

2. Literatura Afro-Feminina

Ao refletirmos sobre um conjunto de fatores relativos ao racismo estrutural e ao campo minado edificado pelo patriarcado ao tentar silenciar a episteme afro-brasileira, questionamos: pensar a Afro-literatura, a partir da poética de mulheres negras, é uma condição e uma urgência do tempo presente? A literatura pode continuar a ser tomada como imposição paradigmática de universalismos excludentes? Tais direcionamentos nos permitem questionar uma produção literária nacional que quase sempre esteve ligada à atividade exclusiva de homens gênero heteros/cis, branco/cristão, pertencentes às classes dominantes e portadores de discursos socialmente hegemônicos (MATOS; SACRAMENTO, 2019).

Ao trazer para cena a Literatura Afro-Feminina, desejamos formular respostas resolutivas para os questionamentos feitos. Por meio do gesto de deslocar e afirmar a autoria da mulher negra e a expressão de suas subjetividades articuladas à condição de autorrepresentação e à memória de ancestralidades, caminhamos na contramão dos interesses e da autorização do Cânone Literário. De fato, a contemporaneidade tem nos permitido insurgências na literatura, como também o acesso a uma crescente literatura de autoria de mulheres negras encorajadas a revelarem suas escritas, a estabelecerem suas tessituras, disputando espaços e requerendo a palavra, seja oral ou escrita. Há uma representatividade de mulheres fortalecidas historicamente, que representam as suas escritas de formas contundentes, disparando poéticas que por muito tempo foram interditas e trancafiadas nos



porções de si, nos fundos de gavetas, devido às imposições de uma sociedade paternalista hierarquizante.

A poética de mulheres negras é o escopo da pesquisa de mestrado intitulada “A escrita de mulheres negras no Sul da Bahia: uma poética dissidente de resistência e ancestralidade” (2020), escrita por Tereza Cristina Soares de Sá. A trajetória de pesquisa nos fez enveredar pela Literatura Afro-Feminina sul baiana. O foco nas mulheres negras justifica-se pelo fato de constituírem o grupo mais atingido por violências históricas, ocupando a base da pirâmide social no Brasil em termos de direitos. O intuito foi identificar e contribuir para alavancar as vozes dessas mulheres na cena da crítica literária e do ensino de literatura, visto que a invisibilização de suas produções na academia, por exemplo, ou nas salas de aula da Educação Básica, indica uma extensão de violências simbólicas e não simbólicas institucionalizadas. Por esse motivo, cartografamos autoras negras da microrregião Ilhéus-Itabuna para propiciar novos olhares, novas identificações estéticas, novas validações e o advento de novas autorias negras no circuito crítico da literatura, o que é de grande significância para a intelectualidade negra. De acordo com bell hooks (1995, p. 476), “quando exercemos um trabalho intelectual insurgente que fala a um público diverso, a massas de pessoas de diferentes classes, raça ou formação educacional, nos tornamos parte de comunidades de resistência, coalizões que não são convencionais”.

Ao longo da pesquisa, pudemos perceber como a poética de mulheres negras nos revela que, enquanto o Cânone Literário opta por privilegiar grupos historicamente hegemônicos e não reconhece a produção diversificada de determinados grupos sociais, sexuais e étnicos, a Literatura Afro-feminina, a partir de posicionamentos de resistência, vai desenvolvendo as suas próprias redes de apoio, de visibilização e de divulgação, justamente com tais grupos.

Na Bahia, e não diferente, no sul da Bahia, na microrregião de Ilhéus-Itabuna, há diversas autoras negras em atividade, atuando em diversos campos, produzindo dispositivos tecnológicos e de linguagens (música, performance, editoria independente), e que, mesmo sem uma rotina de publicação no mercado editorial, vem despontando como Literatura.

Após expormos alguns dos caminhos cartográficos e do contexto de insurgência de vozes-mulheres no eixo Ilhéus-Itabuna, apresentamos a seguir a composição do *corpus*

analítico das quatro autoras pesquisadas. E compartilhamos o diálogo estabelecido no espaço acadêmico em torno das poéticas de Karen Oliveira, Eloah Monteiro, Kali Oliveira e Tereza Sá.

3. Ecos de memórias ancestrais na negrura da palavra feminina

Literatura Afro Feminina é comumente gerada fora do espaço de formalidade canônica. Surge dentro das comunidades, na periferia, onde habita a “negrura feminina”. É possível, então, identificar uma voz–narrativa que revela uma identidade que infringe os paradigmas estabelecidos pelo patriarcado para as mulheres. Uma identidade como nos aponta Lélia Gonzalez (2019: 224) “a ser construída, reconstruída, desconstruída, num processo dialético realmente muito rico”. Estamos diante de um feminino que tem consciência do seu estar no mundo e sua importância no processo de construção/ reconstrução da garantia de sermos sujeitos de nossos próprios discursos, ainda de acordo com Gonzalez (2019). E assim, essas autoras, conscientes de suas realidades, trazem em suas vozes-narrativas marcas de particularidades na qual o feminino negro perpassa diversos contextos sociais, como podemos notar neste poema de autoria de Eloah Monteiro:

Daninha do largo

Sou preta, mãe-solteira nordestina
E ainda trago no lombo a dura sina de olhos atentos
Supondo o que se passa na minha vagina

Julgada, questionada desde menina
Sobre as vestes, a fala, a melanina
Caminho torta
Um pedaço fica em cada esquina[...]

E no texto “Abre Caminho”, de autoria de Má Reputação (pseudônimo de Karen Oliveira):



Visto o que é meu e conforta o corpo e alma Peito na rua pra amamentar, pernas abertas para parir Criar Com eles, sem eles, COM UMA ALDEIA Eu grito! Meu horizonte é o infinito E o s"eu Falo" não temo Falo eu, falo tudo e falo mais O silêncio que é regra, eu quebro E me nutro em minhas ancestrais Bruxaria, ousadia Meu sexo Rebolar, mexer, chupar e ser CHU PA DA Nela, nele, em mim Negra Que fode e que Ama Porque amar não é regra É consenso, é bom senso Sem silêncio, nem castigo Sou isso... MULHER Que é todas que quiser e para todas exige respeito Se preciso na marra e no peito Má Reputação!

E também no poema “Não mexe comigo”, de autoria de Tereza Sá:

[...]Como toda preta, me enquadraram com as putas.
Mas eu nunca fiz questão de andar.
Minha loucura é tanta
Que já perdi a conta
Das pétalas que atirei.
Se me mandar calar a boca,
Vai ter do que se arrepender
Porque eu não sou de brincadeira!

E no conto “Encontros”, de autoria de Kali Oliveira:

[...]Você já sofreu preconceito por causa do seu cabelo?
_ Sim. Quando eu era criança e adolescente houve quem ridicularizasse meu cabelo. Hoje, eu ainda percebo alguns risos e olhares racistas.
_ Como? Onde?
_ Na rua. Nas cerimônias de formatura. Nas entrevistas para trabalho.
_ Mas gosto de sentir meus crespos! É como se cada vez que eu tocasse meu cabelo da raiz à ponta, eu pudesse sentir um pouco a textura do cabelo da minha mãe, da minha avó e da minha bisá [...]

Enquanto todo processo de negação tentou nos tirar de cena, aprendemos a resistir como forma de fortalecimento e lutar pela descolonização do sistema que tanto massacrou o povo negro. E essa luta segue pela (re)existência e por representatividade. Essas autoras compõem versos, canções e contos que, na contramão da história ocidental, trazem a vertente negra como mote, ecoando as tantas vozes-mulheres interrompidas ao longo dos tempos, como vemos a seguir:

Na infância foi aconselhada a casar com um homem branco para que seus filhos nascessem claros. Cresceu. Casou com as letras. Amou homens e mulheres. Pariu palavras. Enegreceu! (“CÉLI”, Kali Oliveira, 2019)

“Beija-me as cores” (Eloah Monteiro)

[...]Por favor não quebre o meu tamborim
Não tô a fim de amarrar meu black
Então melhore essa prosa chifrim
Eu sou mulher demais pra pegar um moleque
Areia de mais pro seu caminhãozim (segura o breque)
Se não pode com a preta não te mete[...]

“TU IM” (Má Reputação)

Era o apelido
Pra criticar a coroa
De rainha
Que eu carregava
Mas nem sabia[...]
[...]Imagina!
Seus dedos passando e
Sentindo a força
Dessa moça
Que tem história,
Ancestralidade,
Identidade e
Trajetória
DE LIBERDADE!

“Ancestralidade” (Tereza Sá)

[...]Dentro de mim, um sol que não cessa
E uma alma que se lava todos os dias.
Sou mulher negra
E já nasci guerreira
Minh'alma não se nega
Nem se entrega.

É perceptível como a trajetória de vida dessas mulheres diaspóricas representam múltiplas possibilidades de estarem inscritas no mundo. Muitas dessas mulheres comungam suas trajetórias com as de outras mulheres, reelaborando o constructo das vivências ancestrais. São textos carregados de um discurso feminino/feminista que é, também, plural, visto que traz a ressonância de uma coletividade que reverbera em africanidade e memórias longínquas, que marca “a rede de nossa milenar resistência” (EVARISTO, 1996, s/p):

“Perto do fogo” (Tereza Sá)

Eu quero estar perto do fogo
Compartilhar alimento



Comungar conhecimento
Do sagrado feminino
E suas fertilidades de vida ancestral.
Perto do fogo, reverenciar e brindar
A esperança em um mundo cujas águas
Se encontrarão e só transbordará igualdade

“De boca-coração” (Kali Oliveira)

[...]O seu celular apitou. Era um alarme usado para lembrar que era dia de acender uma vela para mamãe Oxum. Dirigiu-se até o santuário. Acendeu sua vela. Pediu para que ela e Lua encontrassem braços gentis e carinhosos. Corpos onde fosse possível partilhar sonhos e construir ninhos. Desejou que Pedro pudesse ser esse corpo para alguém um dia [...]

“Um sopro no ouvido” (MÁ Reputação)

Orí ô não é refrão
É prece! Pro sorriso da menina melanina não faltar.
Pra lembrar que corpo é templo.
Com escritos
Como aqueles das pirâmides do Egito
Voz é vida, soprada em ondas
E cada abraço, moça
Pode ser casa
Com chão de folha.
Mas o que pode nem sempre é
Por isso volte ao Amor Ifé
Se veja, como a Deusa
Respeite a si mesma
Conheça o seu caminho
Enquanto olho no espelho.
Sei ao que me assemelho
Sinto o que se aproxima
Preparando no fogo o banquete
Há de haver deleite
E aquela hora que será bem-vinda
faltar. Pra lembrar que corpo é templo.
Com escritos
Como aqueles das pirâmides do Egito
Voz é vida, soprada em ondas
E cada abraço moça.
Pode ser casa
Com chão de folha.
Mas o que pode nem sempre é
Por isso volte ao Amor Ifé
Se veja, como a Deusa
Respeite a si mesma
Conheça o seu caminho
Enquanto olho no espelho.
Sei ao que me assemelho
Sinto o que se aproxima
Preparando no fogo o banquete

Há de haver deleite
E aquela hora que será bem-vinda.

É com o verso e a canção na ponta da língua que elas vão compondo e nos abrindo um cenário artístico potente, permitindo-nos perceber as mensagens explícitas na negrura de seus sonhos, medos, desejos, (des)amores. Em todo sentimento que suas existências comportam, vão nos revelando esteticamente os seus lugares de fala. Essas poéticas nos ensinam na prática que seus saberes “para além de serem contradiscurso importantes, são lugares de potências e configuração do mundo por outros olhares e geografias” (RIBEIRO, 2017, p.76).

“Axé” (Kali Oliveira)

A brisa me acaricia. Às vezes o vento me abraça forte. E eu que ainda tenho pesadelos quando venta frio. Tenho visto o vento leva-los pra longe. Outras vezes sinto minha pele abrasar. Deve ser o calor da terra. É ele quem me aquece. Me protege. E me faz senti que quando estou com raiva. Pareço um vulcão prestes a entrar em ebulição. Cuidado! Eu transbordo. Em contato com o ar e a lama pressinto: ainda me verei envolta de energias criativas. Tenho motivos para acreditar: estou me reinventando!

“Cinza das horas” (Tereza Sá)

O frio das horas
É vazio sem consolo,
Solidão calcificada,
Espera fria.
Um oco
Sem eco,
Sem voz
Sem gás
Sem sal
Sem sol
Sem nós

“Inverno nordestino” (Eloah Monteiro)

Eu quero o vento nos meus cabelos
Soprando as cores do meu pensamento
Eu quero o tempo do inesperado
Um beijo lento em sua boca
Um denago
Eu me rendo[...]
[...E você, sobrevivendo à ressaca da minha cabeça
às navalhas das minhas madeixas. Sem medo/inteiro



Atravessamos nossos dias
Bebendo dessa alegria vadia
Não tem andiroba ou óleo de copaíba
Pra curar esse frio na minha barriga
Olha, acho que não é só calor

“Poda” (Má Reputação)

Aos homens que amamos
Não levaremos mais flores
Na mesa, na cama,
Na luta
É tempo de poda
A gente corta
Pra roseira crescer mais bonita

Pra tirar da vista o que espanca
Na mente, no corpo e no coração
País, irmãos, primos, tios, namorados, maridos
Não se ofendam com o que eu digo
Saibam vocês,
Que não são nossos inimigos
Mas são todos MACHISTAS
Não depende do ponto de vista
Varia na forma e no conteúdo
Um é o Dono do mundo
Outro da verdade

É notório que a Literatura Afro Feminina faz desdobramentos e reverbera questões polêmicas, demarcando grande força sociopolítica, o que revela o protagonismo de um sujeito que denuncia e luta contra o racismo e sexismo. O que a análise dessas narrativas exige do/a leitor/a “não é a condescendência, tão preconceituosa quanto o ocultamento, mas sim a atenção crítica, meticulosa que a nervura do texto impõe” (MARTINS, 2010, p.127):

“Um sopro no ouvido” (Karen Oliveira)

Existe um silêncio que grita em meu estômago
Existe um silêncio que grita em meu estômago
Quando o não dito é mais do que falta de assunto
Um desencontro, em um segundo de vontades mal ditas
Irrita a pele, o pé fraqueja
O suspiro, sorriso, deságua
Pra não afundar por dentro
Pra não sucumbir em lamento
Há tempo pra tudo
Até pro silêncio
E quando ele grita
Parece uma cantiga antiga

Que eu não ouvi
 O coro, o choro, o chicote O açoite
 A noite negra e cada estrela
 Poeiras infinitas em anos luz
 Une versos de tempos
 Em tempos
 E agora? Respira, chora, olha "O" agora
 Onde estou?
 Quem viu meus passos por onde caminhou?
 Quem leu no mapa do meu corpo
 O que eu carrego? O Ego, engole,
 Se o olhar não for atento
 A toda sorte de cuidado
 O mal olhado espanto
 A mufina, a kuanga, o quebranto
 É dia de banho branco
 E não confunda o meu senhor

“Resistência” (Tereza Sá)

No meio do caminho tinham vozes
 Elas ecoavam racismo
 Tinha racismo no meio do caminho

Nunca me esquecerei
 Dos tempos de minha infância agonizada
 Cujas vozes-pedras me acertavam a identidade
 Nunca esquecerei que no meu caminho
 Sempre houve resistência

“Blues amarelo” (Eloah Monteiro)

Já viu machista ouvir blues
 Era o que eu queria fazer
 Pois meu blues, meu blues não ouve não
 Foi tu que disse lembra nego
 Meu benzinho acabou
 Não vá enlouquecer por isso
 Não vá enlouquecer por isso
 Agora eu sou
 Uma lembrança qualquer
 Então me faça, então me faça o que bem entender comigo, baby

Notamos que há na poética dessas autoras uma tomada de decisão, um trabalho minucioso e consciente no sentido de povoar todos os espaços literários e culturais com a presença e vivências de mulheres pretas e suas potencialidades. Na verdade, essas narrativas e poemas, além de serem literatura, são também documentos históricos, pois garantem o



registro da estética e da poética de mulheres negras, problematizam o contexto social e, a partir dos escritos e das performances orais, apresentam-nos uma literatura com proposições que desafiam a sociedade a refletir sobre a necessidade de se modificar. As vozes narrativas dessas autoras ecoam outras tantas vozes de mulheres negras que por muito tempo foram silenciadas. E, em cada verso, em cada canção, vão tecendo memória, vão dando visibilidade, vão garantindo um lugar de grande importância para as expressividades negro diaspóricas. Assim, ocupamos lugar no campo das disputas epistemológicas. Assim, *corpus*-negras rompem a imposição clássica da bolha canônica e não mais se permitem calar, tal qual Lélia Gonzalez, sarcasticamente alerta: “O lixo vai falar, e numa boa” (GONZALEZ, 2018, p. 193):

“Porca flor” (Má Reputação)

Se a opção é dar close
noix é luxo e lixo
Se a opção é dar close
noix é luxo e lixo
Tu me vê bixo
A gente porca
Arrota vida
Reconstruída
Com amor
Reciclada
Revirada
Flor
Que brota tinta
Na saliva
No sussurro
Noix é mundo
Gira
Fosca
Que ilumina
Mente indecente
É quente
Igual sol que bate no peito
Bate
Peito
Bate
Arrepiá "Avia" na voz de vó
Pé e passo
Descompasso
A gente caminha
E de esquina em esquina

São narrativas plurais que reconectam nossa história, envolvidas em uma estética que busca referências na africanidade:

“Solidez” (Tereza Sá)

Sou além do que sinto
Sinto além do que vejo
E bem próximo do meu medo, vejo a ginga certa
Sou mulher- alvenaria
Sustento o que projeto
E me edifico em condição ascensional
Sou mulher negra
De corpo e espírito
Refaço minha história todos os dias
Tecendo sonhos
Rolando os dados
Lançando dardos
Jogando os búzios
E reconectando o feminino que há mim

“Tambor” (Eloah Monteiro)

Vou aprender a tocar tambor
Exorcizar você de mim

Bater bem forte a semana inteira
De segunda-feira até o verão chegar
Deixar o suor dessa rouca fissura
Encontrar a cura pra essa besteira
Que em transe cego, atado às cadeiras
Essa melodia me faz entoar

E quando livre eu estiver
Não quero mais beijar a flor
E no domingo sem poder dormir
Cantar, girar pra ver você subir
Conversar frouxa e ainda salgada
Temperar a fala com flor de alecrim

Quero uma muda de arruda brava
Uma em cada orelha, pra me abençoar
E nunca mais quero ver desatar
O nó que tu, brincando
Deste em meu olhar

Soa! Ressoa! Voa alto! Voa!
Encontra toda aquela paz que já em mim não há
Deita seu manto, quebra este encanto
Que me amarra viva no fundo do mar



Mas antes de me afogar
De alma lavada hei de surgir
E a todos digam que em minhas mãos
Há laço de fita e corda de viola que mandei rezar
Pra nunca mais meu terreiro escutar
As notas vadias do escudeiro torto
Que ao meu batuque vinha embaralhar

Dessa forma, percebemos que a escrita de mulheres negras, outrora silenciada, na atualidade vem “caligrafando a história e a memória dos sujeitos e das diversas opções textuais que a inscrevem na cartografia estética de nossa cultura” (MARTINS, 2010, p. 130). Com isso, assumem a autoria de suas histórias e memórias. São vozes que salvaguardam o interesse da coletividade na literatura, seguindo decididas a incomodarem e a desobedecerem às imposições basilares, requerendo os espaços que lhes cabem na *Episteme*, se fazendo ouvir.

Vozes insubmissas

O diálogo que acabamos de tecer com a literatura afro-feminina sul baiana, traz-nos em sua materialidade uma força que impacta as dimensões do ser mulher, reflete as inteirezas de um universo poético que até pouco tempo era considerado inusitado ou pouco provável de ser (re)conhecido em instâncias públicas, nas escolas e no mercado editorial. As quatro autoras que trouxemos aqui lançam mão de dispositivos contemporâneos múltiplos, são capazes de ecoar, contemplar e representar outras vozes também silenciadas historicamente, atingindo público de várias faixas-etárias e de contextos sociais diversificados.

A literatura brasileira foi ancorada em um cânone tendencioso e preconceituoso, sustentado por padrões hegemônicos que sempre compactuou com a classe dominante, de tal modo que os padrões estéticos ocidentais são os validados e sustentados como universais. Como espaço privilegiado, a literatura canônica se faz hetero/cis gênero/ branco/cristão. A literatura brasileira sempre foi branca, mas vem tornando-se negra à medida que negros e negras insistem em circundar a bolha canônica, dando formas e constituindo *corpus* para a Afro-Literatura.

O cânone literário é referenciado na denominação ideológica do mundo eurocêntrico, evidenciando sua política de aceitação *versus* exclusão. Esta é uma característica ideológica

cujo poder político e intelectual não prioriza a questão estética, mas reafirma a colonialidade do poder (QUIJANO, 2009), o que funciona como ferramenta para a deslegitimação da condição epistêmica de grupos subalternizados. É nesse contexto histórico de forte resistência epistemológica e cultural que a diáspora afro-brasileira foi inserida. Nossa história foi moldada por apagamentos e a autoria negra foi se inserindo no cânone literário sempre pela margem, ressaltando a necessidade da racialização literária e abolição do cunho sexista, demarcado pela ausência de escritoras negras. A condição de subalternidade, representada pela exclusão de representação de todo e qualquer extrato social, interrompeu as mulheres negras por um longo tempo, tendo sido suas existências duplamente marcadas pelo silenciamento e pela subalternidade. A atualidade, o tempo presente, reivindica falar, ouvir saber expressar e saber validar narrativas de mulheres negras para quebrar o silenciamento histórico e irromper, na contramão do Cânone Literário, o que precisa se fazer negro e negra para nos caber.

As insurgências negras no campo literário, em um movimento crescente, ressignificam o fazer literário e nos revelam a Literatura Afro-Feminina. No sul da Bahia, mulheres negras utilizam-se da escrita para fazer ecoar versos de vida e de liberdade. Elas vão moldando suas publicações pelas mais variadas plataformas, utilizando múltiplos dispositivos tecnológicos que marcam e ressaltam a insubmissão dessas mulheres ao Cânone Literário e às opressões estruturais institucionalizadas por setores públicos da sociedade e pelas instituições de ensino. As autoras sul baianas utilizam-se de estratégias variadas para efetivar o movimento de articulação que o feminino é capacitado a exercer pelas vias da palavra-poética, para materializar as insurgências que lhes afloram.

Escancara-se, assim, a urgência em repensar o Cânone Literário e o poder de reprimir, retaliar e aniquilar a produção literária de grupos minoritários. A canonização, com sua universalização, implica em rotular e fixar. Assim, ao conceituar o que é ou não literatura, submete-se à exclusão o conhecimento e a arte de dizer das ditas minorias. É necessário um contradiscurso para revisar e questionar a necessidade de canonização, uma vez que critérios seletivos estão diretamente ligados à manipulação de poder, o que implica na deslegitimação da capacidade epistêmica de grupos historicamente subalternizados.



No que diz respeito à Literatura Afro-Feminina, sua visibilidade e sua validação, notamos que as pesquisas acadêmicas podem contribuir para reflexões que possam conduzir a apreciação e ao fazer literário das poéticas de autoria de mulheres negras. A intelectualidade feminina, sobretudo, a negra, ainda que sofra a violência do impedimento frente ao processo canônico e a opressões da supremacia do patriarcado branco, nunca abriu mão da imaginação e de suas potências de criação, entrando em cena na disputa pela garantia de lugares legítimos nos processos artísticos, na construção de conhecimento e na validação epistemológica. Na contemporaneidade, essa disputa tem se estabelecido de maneira ainda mais acirrada. Historicamente, a partir dessa necessidade da existência de disputa de narrativas, as autoras negras vêm resistindo e atuando com suas insurgências, marcadas por uma força discursiva que compõe a reconstrução de lutas e estratégias de resistência do feminino. Isto é, criam vozes narrativas e poéticas que evocam a memória coletiva e se posicionam para reafirmarem-se como poetisas, escritoras, *performers*, sujeitos históricos. A sororidade das autoras negras praticada também no fazer literário ajuda a tirar a “mordaza” que silenciou vozes negras, além de fortalecer o coro que vocifera o lugar de fala dessas e de tantas mulheres negras. A força ancestral dá o tom à poética de todas elas.

Referências

- DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura e Afrodescendência. **Um tigre na floresta de signos:** estudos sobre poesias e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010
- GROSGOUEL, Ramon. Decolonidade e Pensamento Diaspórico. In.: COSTA, Joaze Bernardino; GROSGOUEL, Ramon; TORRES, Nelson Maldonado (Orgs.). São Paulo: Editora Autêntica, 2018.
- hooks, bell. Intelectuais Negras. **Estudos feministas**, 1995. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/10/16465-50747-1-PB.pdf>>. Acessado em julho de 2020.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, 2009.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. In. **Um tigre na floresta de signos:** estudos sobre poesias e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.
- EVARISTO, Conceição. Literatura Negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. In: PEREIRA, Edmilson de Almeida (org.). **Malungos na escola:** questões sobre cultura afrodescendentes e educação. São Paulo: Paulinas, 2007.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Primavera das rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa**. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

GONZALEZ, Lélia. A democracia social, uma militância. **Arte & Ensaios**, revista do ppgav/eba/ufrrj, n. 38, julho 2019.

PEREIRA, Edmilson de Almeida(org.). **Malungos na escola: questões sobre cultura afrodescendentes e educação**. São Paulo: Paulinas, 2007.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgard (org.). **A colonidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais –perspectivas latino-americanas**. Colección Sur Sur, Clacso, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, setembro 2005, edição brasileira

MARTINS, Leda Maria. Lavrar a Palavra. **Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesias e demandas sociais no Brasil**. PEREIRA, Edmilson de Almeida (org.). Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luís (org.). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

MATOS, Elisiane; SACRAMENTO, Sandra. Profundanças 2 – a contrapelo do binarismo impositivo. Ilhéus, BA: Editora Espaço Acadêmico, 2019, p. 57.

SOUZA, Florentina. Cadernos Negros: Literatura Afro Brasileira? In: SOUZA, Florentina. **Malungos na escola: questões sobre cultura afrodescendentes e educação**. São Paulo: Paulinas, 2007.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

[License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Artigo recebido para publicação em: 31 de maio de 2021.

Artigo aprovado para publicação em: 07 de junho de 2021.